

Ok, and hello to all the Brazilian Joyceans.

Please, say hello to everybody in Brazil. Thank you.

Ok.

Entrevista com Fritz Senn

A entrevista com Fritz Senn foi realizada no dia 21 de março de 2019, na Fundação James Joyce de Zurique. As perguntas foram elaboradas em colaboração com Dirce Waltrick do Amarante. A transcrição e a tradução do áudio foram realizadas pelo entrevistador.

O vídeo da entrevista em inglês com legendas em português está disponível em <https://www.facebook.com/revistaqorpus/>.

Bom dia, Fritz Senn. Obrigado por me receber aqui na Fundação James Joyce de Zurique. É um grande prazer. E obrigado por conversar conosco, amigos joyceanos do Brasil. Tenho algumas perguntas e adoraria que pudesse nos dar algumas respostas. A primeira é sobre *Finnegans Wake*. O livro foi publicado em 1939 e completa 80 anos agora. Você acha que depois de oito décadas a linguagem do livro é mais acessível para os leitores? E como avalia o papel das traduções na leitura da obra?

Ja. Primeiro, *Finnegans Wake*... completa 80 anos e eu creio que todo tipo de comemoração esteja ocorrendo. Você pergunta: “o livro se tornou mais acessível?”. Tornou-se, certamente, mais popular. Quer dizer, entrou em foco. Quer dizer, há muita pesquisa sobre ele. Talvez até mais do que sobre os outros livros nas conferências. Não sei bem. As pessoas estão mais dispostas a enfrentar *FW* do que antes. Quer dizer, é um... como um desafio e... se é mais acessível, não saberia dizer. Pela minha experiência, devo dizer, e isso pode surpreender você, que desisti de *FW* como pesquisador. Lemos com prazer [na Fundação], e talvez por mais tempo do que a maioria das pessoas. Tem a ver com minha idade. Mas desisti como pesquisador porque não conheço o suficiente para me posicionar como pesquisador. Creio que o que o que não sabemos sobre *FW* é a maior parte do livro. E creio que descobrimos, coletivamente, apenas cerca de 30 por cento. Então é lamentável como falhamos. Ainda assim, os pesquisadores não se importam. E o único que se importa, eu não consegui posicionar como pesquisador, porque... Você vê que eu fico irritado. Continuamos a ler *FW* e ainda assim não sabemos a maioria das coisas: o que está ocorrendo, o porquê das mudanças, e coisas do tipo. Eu mesmo falhei com relação a *FW*. Os pesquisadores não acham que falharam. Ainda bem. Do contrário teriam parado.

Essa é minha opinião. Mas, o livro é interessante. É um desafio. Sua mera existência é importante, você sabe. Ele pode ser lido assim. Sua existência de alguma forma põe o mundo da literatura em movimento, você sabe.

E o papel das traduções? Ajudou?

Bem, tem as traduções, claro. Simplesmente não sei como... de alguma forma, claro, é... não a tradução, obviamente, nem preciso explicar, no sentido de que é quase impossível pesquisar *FW* com base em uma tradução. A tradução tem, digamos, valor como obra de arte. Pode dar prazer. Como creio que você faça, pode-se trazer todo seu potencial musical, o que é ótimo, é uma performance. Mas não creio que se possa estudar *FW* com base em uma tradução. É possível estudar uma tradução de *FW*. Isso é coisa diferente. E, claro, penso que, simplesmente porque não pode ser traduzido, deve ser traduzido. Quer dizer, porque toda cultura depende de traduções e porque toda tradução é... incompleta. Tudo o que temos é de alguma forma traduzido de uma cultura a outra. E, claro, é fácil dizer: “não olhe para a tradução”, mas a alternativa é quase sempre nada, não é o original, porque a maioria das pessoas não têm acesso ao original. Então os tradutores fazem algo muito importante. E, claro, deve ser feito. Paradoxalmente, creio que *FW* seja ainda mais fácil de se traduzir porque os... critérios normais não se aplicam a ele. É perda de tempo dizer: “mas tem um sentido que você perdeu”. Óbvio, há muitos sentidos que perdemos. Por outro lado, em uma obra mais comum podemos culpar o tradutor por não ter mantido algum sentido com alguma exatidão. Mas, em *FW*, os limites são outros. Quando se tem alguma ideia que dê vida à tradução, deve-se usá-la. Será diferente, mas com efeito similar. Então, creio que ela deva ser mais orientada ao efeito.

Obrigado, Fritz. Ainda sobre *FW*, que sugestão você daria aos leitores que querem enfrentar a obra pela primeira vez?

Bem... tente, vá em frente e tente entender o que puder. Não desanime se não entender algo. Mas, claro, depende de como se lê. Se de modo solitário, como muita gente faz. Uma das coisas interessantes é que *FW* é talvez ainda a obra mais avançada de todas. Não se pode superá-la, creio. Não se pode ir além. Como fazer isso? Ironicamente, ainda lemos *FW* da maneira tradicional, em grupos, como na Idade Média, quando nos sentávamos ao redor do texto. Então, voltamos no tempo para ler a obra mais avançada no tempo. Então, ler em grupo é uma coisa. Solitariamente, a pergunta é... deve-se confiar em notas e coisas do tipo? Provavelmente precisamos delas, ou de algo parecido, mas não sei dizer como alguém deve ler. Eu comecei a ler sozinho. Não havia ninguém. Pesquisava por palavras e coisas assim. Creio que o ponto em que normalmente falhamos em entender *FW*, eu certamente, é ao olharmos muito para as palavras, e podemos fazer isso, há o alfabeto e tudo mais. Porém, costumamos não ouvir o sentido por trás das palavras. Normalmente, a constelação de letras, eu sinto, esconde sons que eu não consigo alcançar. Então, creio que seja nossa falha em ouvir, que é mais importante que ler... pode-se sempre encontrar o significado das palavras. O computador ajuda e tudo mais. Quer dizer, o importante é que é fácil apresentar *FW* para criar algum tipo de prazer. O livro tem realmente riquezas de significado, de prazer, de humor e tudo mais. Há passagens muito, muito boas e atrativas.

Talvez a melhor maneira seja ler a partir de curtas passagens selecionadas, como as fábulas “The Ondt and the Gracehoper” ou “Anna Livia”, que de alguma forma podem ser entendidas com mais facilidade do que outras partes, e talvez uma seleção que seja... Eu digo, podemos ter grandes experiências que são bastante únicas quando descobrimos mais e mais. Tenho o pequeno projeto, nada muito original, de montar um calendário com passagens curtinhas de *FW*, claras, isoladas, porque quando as vemos claramente, e não escondidas na página do livro, elas criam um impacto. Pensei em chamar o projeto de *appeteasers*, para que as pessoas pudessem, talvez, ser sugadas, absorvidas. Funcionaria bem. Porém, isso é diferente do livro inteiro e, para dizer algo definitivo sobre isso, como tenho afirmado, não sei como pessoas que provavelmente não entendem *FW* muito, muito melhor do que eu, podem escrever livros sobre ele. É diferente o caso da crítica genética, que é trabalhosa e muito útil. Mas, como digo, a maioria das passagens... Mas isso não deve impedir os leitores de seguirem adiante. A obra produz um grande efeito. Em outras palavras, são exatamente os momentos em que dizemos “aha!” que criam os maiores impactos, que... Em outros casos, não tiramos nada da leitura. Mas esse é meu sentimento.

É nisso que estamos interessados, no seu sentimento, suas impressões. Agora, sobre *Ulysses*, qual seu lugar na literatura do século 20? É o romance mais influente do último século?

Pode muito bem ser. Quer dizer, é difícil mensurar, mas creio que tenha... provavelmente produziu um grande impacto, *ja*. Para começar, ele ajudou na luta contra censura, de uma forma ou de outra, o que foi um grande avanço. E Joyce, claro, mostra quantas coisas podem ser feitas, sabe, como as mudanças... ou aquela maneira de pôr foco nos processos interiores e pensamentos e no monólogo interior e coisas do tipo. Além disso, tem as alusões e tudo o mais... Creio que *Ulysses* tenha tido grande impacto. Quer dizer, suponho que todo quase todo escritor, com algum exagero, devesse reagir ao livro. Ou se diz, “é demais, não consigo ler”, mas isso torna a pessoa muito..., ou se faz algo similar. Mas o que fazer? Hoje não é muito original escrever um romance sobre um dia em Zurique, por exemplo. E isso também é inquietante. Notamos que escritores irlandeses algumas vezes tentaram de maneira compulsiva fazer algo diferente para não parecerem um Joyce de segunda categoria. Lembro bem que Anthony Burgess, que escreveu livros muito elucidativos sobre *FW*, também grande fã, certa vez disse, “Joyce é uma maldita pedra no sapato”. Eu entendi que ele quis dizer, “bem, ele faz algo que... não podemos fazer a mesma coisa e, ao mesmo tempo, não podemos evitar fazer a mesma coisa”. Sabe... a comparação com Joyce é inevitável.

Entendo, entendo.

E eu penso... eu creio que Joyce tenha tido grande influência sobre o que podemos fazer com a língua. Quanto à tradução, é possível estudar *Ulysses*. Certamente não é a mesma coisa, mas provavelmente ela passa o suficiente. E também por causa do tamanho da obra, muita coisa, mesmo quando nos concentramos em passagens, não conseguimos resolver. Por exemplo, o que fazer quando algumas pessoas em *Ulysses* empregam o anglo-irlandês, tipo de inglês afetado pelo gaélico e que caracteriza algumas pessoas? Não existe

equivalente em português, nem em alemão, como você sabe. Então, sem que seja culpa de alguém, perde-se muito. Como você poderia, em português, recriar uma canção que Joyce conhecia, mas que ninguém, nem mesmo na Irlanda, conhece mais? E não existe base para isso, com a Bíblia ou Shakespeare. É impossível. Como sempre disse, o resultado de uma tradução é sempre, inevitavelmente, “falta alguma coisa”. Mas os problemas são sempre fascinantes. Portanto, em vez de ler traduções da maneira antiga, procurando erros e o que não está bem, é muito melhor tentar enxergar, quando não se está satisfeito com uma tradução, o que no original causa essa insatisfação. Então, existe um problema na tradução, e quanto mais uma tradução se afasta ou parece tomar outra direção, o que está acontecendo? Isso é mais proveitoso do que ficar se sentindo superior.

Verdade. Agora, Fritz, a chamada “Indústria James Joyce” não para de crescer. Ela vai um dia atingir um ponto de saturação? O que você acha?

Bem... Quase necessariamente. Sempre me surpreendeu... Veja, eu estou nisso há um longo tempo, pensei isso nos anos cinquenta, e tinha muita coisa, e eu vi isso crescer, tínhamos conferências e publicações. Você pode ver aqui na Fundação quanta coisa. Sempre pensei que as ações dessa indústria iam cair, mas isso não aconteceu até hoje. Por exemplo, 40 ou 50 anos atrás, alguém sempre falava de Faulkner nas conferências. Hoje quase ninguém fala dele. Não estou falando nada contra Faulkner, mas em Joyce sempre existe algo. Talvez porque sempre tenha havido novas maneiras de se olhar para Joyce, geralmente estimuladas por novas teorias, os franceses e tudo mais. Então lemos Joyce a partir de diversos pontos de vista ou tendências... neocolonial, ou estudos da deficiência, qualquer que seja a tendência. Feminismo, claro. Qualquer que seja a tendência. Então, isso fez com seguissemos em frente, mas não sei se isso vai durar. Alguém disse, e faria sentido, que poderia haver um pico em 2022, ano do centenário de *Ulysses*. Muita coisa apareceria. Como sabe as comemorações públicas celebram na verdade o sistema decimal. Apenas porque é o centenário não quer dizer que temos ideias melhores. Isso pode passar. Não sei. Não aconteceu ainda, mas eu não ficaria surpreso, pois outros escritores... outras tendências chegam. Além disso, as Humanidades estão sendo reduzidas, as universidades não investem tanto dinheiro nisso, o que fazemos não é importante o bastante, alguns políticos de direita certamente não são a favor. Então, pode ser que simplesmente haja menos de nós, que trilhamos um caminho pela literatura. Mas creio que obviamente sempre existirá espaço para Joyce... O que sempre me atraiu é o que pode ser feito com a língua, e nisso Joyce é supremo. É como podemos levar isso a frente.

E como você reage à tendência que hoje evita escrever sobre um só escritor, incluindo Joyce?

Você se refere aos acadêmicos.

Sim, aos acadêmicos.

Não é mais... Não me diz respeito. Sou um amador. Fiz tudo do meu jeito. Na verdade, como sempre digo, tive uma grande desvantagem: nunca fiz um curso sobre Joyce. E tive uma grande vantagem: nunca fiz um curso sobre Joyce. Sou um pouco estrangeiro nisso.

Mas, claro, academicamente, há tendências. Agora as pessoas não são encorajadas escrever sobre um... não sei a razão... sempre me ocupei de um só autor, mais ou menos. Não quer dizer que outras pessoas devam fazer o mesmo. Tampouco entendo por que isso deveria ser desencorajado. Se alguém tem uma coisa importante a dizer sobre um movimento, Modernismo, ou sobre um escritor, não sei bem... Mas, como disse, não me diz respeito. Diz respeito aos acadêmicos e é sério.

Entendo. Mas você tem algo a dizer sobre o futuro dos Estudos Joycianos?

É difícil dizer. Jamais poderia ter previsto o que aconteceria, então não sei. Ainda sou uma espécie de relíquia. Sempre digo que sou um filólogo pedestre e à moda antiga. Não é modéstia. Nada de errado com pés pedestres. Mas preciso saber... quero saber o que é. Observo a língua... É bem interessante que mesmo pesquisadores cuja formação foi apenas em inglês, eles prestam menos atenção à língua. Ao passo que para nós, que tivemos que aprender inglês, sabemos que é algo estranho e sabemos que não sabemos. Somos mais cautelosos. Creio que nós, eu especialmente, enxergamos a língua de um modo, e falamos dela mais do que de qualquer outra coisa.

Entendo. E para terminarmos, planejamos apresentar esta entrevista durante o Bloomsday no Brasil. O que o Bloomsday significa para você?

Ja. Bem, digamos assim: é relevante. É algo sobre Joyce que ele, de certa forma, criou uma data no calendário. Não há o Dia de Hamlet, por exemplo. Então é sempre algo relevante. E, claro, precisamos desses festivais e coisas do tipo. O Bloomsday, no entanto... Há um certo risco de tudo ser também ação e comércio demais, você sabe. É sempre assim. Por isso, fico dividido sobre o tema. Joyce é fonte de lucro. Escrever livros sobre ele não é lucrativo, mas vender lembrancinhas e organizar passeios é. E isso pode ir longe. Por outro lado, creio que Joyce teria se divertido com o fato de ter se tornado um pouco personagem da cultura popular. E isso também se deve aos seus livros. As pessoas fazem coisas engraçadas e isso é um efeito ligado aos seus livros. E é talvez o ânimo em Joyce que ponha as coisas em movimento, ele é dinâmico e nos faz fazer algo. Mesmo que alguém odeie Joyce, poderá odiar Joyce muito melhor do que do que odiaria outra pessoa. Já vi isso. Então, ele era uma grande força no sentido físico. Minha atenção se volta sempre para a dinâmica dos textos de Joyce. Eles não são apenas coisas que podemos possuir, eles fazem coisas. Na verdade, eles já mudaram algumas vidas, quero dizer. Já me ajudaram em momentos difíceis. Eu, já disse, li do meu jeito, em casa, sozinho. Foi bom sentir que podia transmitir algo, contar sua experiência e encorajar outros a lerem. Isso é uma coisa boa.

Obrigado, Fritz Senn, Diretor da Fundação James Joyce de Zurique. Muito obrigado por seu tempo e suas palavras.

Ok. E um “oi” para os joycianos do Brasil.

Por favor, mande um “oi” a todos no Brasil. Obrigado.

Ok.